

## A representação do refúgio na literatura infantojuvenil: uma leitura de *Kalil*: o menino refugiado

Shirley de Souza Gomes Carreira<sup>1</sup>

**Resumo:** O tema do refúgio pode ser considerado como fraturante, na medida em que aborda questões complexas que, para muitos, são inapropriadas para o público infantojuvenil. Entretanto, a situação do refúgio pode ser apresentada a esses leitores de um modo sensível, que não apenas provoque reflexão, mas também, e principalmente, desenvolva a empatia e a solidariedade para com os refugiados. Nessa perspectiva, propomos a análise do livro *Kalil*: o menino refugiado, de Fernando Carraro, de modo a demonstrar que a literatura infantojuvenil constitui uma ferramenta importante para o processo de acolhimento e inserção da criança em situação de refúgio no ambiente escolar, ao mesmo tempo em que favorece a interculturalidade.

**Palavras-chave:** Literatura infantojuvenil; Refúgio; Desterritorialização; Acolhimento.

### Considerações iniciais

Às vezes é preciso apenas um estranho, num lugar sombrio, para estender um lenço maltricotado, oferecer uma palavra amável, dizer que temos direito de estar aqui (Gaiman<sup>2</sup>, 2019).

As recentes crises humanitárias mundiais trouxeram para o campo da literatura infantojuvenil um tema que raramente se fez presente até então: as narrativas de refúgio. Se por um lado o exílio, principalmente causado pelas ditaduras na América Latina, foi de algum modo abordado nas narrativas para jovens, caso de *Meninos sem pátria*, de Luiz Puntel, e *Não foi nada*, de Antonio Skármeta, por outro, nunca se tratou antes de deslocamentos maciços e do modo como esse processo de desterritorialização afeta as crianças.

O deslocamento forçado concorre para uma ruptura dolorosa com o lugar de origem (Said, 2003), pois implica o abandono dos referenciais identitários a ele vinculados. Ao deixá-lo, há que conviver com uma outra cultura, desenvolver outros hábitos e, na maioria das vezes, falar outro idioma, desafios que se apresentam àquele que está fora do lugar.

---

<sup>1</sup> Bolsista Prociência UERJ-FAPERJ e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (Processo: 308799/2021-6). Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-doutoramento em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestra em Interdisciplinar Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orcid ID: <http://orcid.org/0000-0002-8787-8283>. E-mail: [shirleysgcarr@gmail.com](mailto:shirleysgcarr@gmail.com).

<sup>2</sup> Escritor e embaixador da ACNUR.

Ainda que as crianças tenham maior facilidade de adaptação do que os adultos em certos aspectos e sejam indubitavelmente protagonistas na inserção de famílias estrangeiras em um novo país, a perda do “lar natal” causa um forte impacto na identidade em formação. Além disso, não é incomum que ocorra a separação entre pais e filhos no processo da fuga, quando a criança, confinada em campos de refugiados ou em trânsito, fica exposta aos abusos físicos, sexuais ou psicológicos, agravados pela fome ou frio.

Esse cenário revela as péssimas condições que, via de regra, um refugiado tem de enfrentar. São situações traumáticas, que podem marcar um indivíduo para sempre, daí a importância das políticas de acolhimento e do apoio psicológico.

Segundo a ACNUR (2020), “mais de metade da população mundial de refugiados é constituída por crianças”. Ao considerarmos as dificuldades geralmente encontradas por minorias sociais no seu processo de adaptação a um outro país, ou seja, de aculturação (Berry, 2004), torna-se clara a importância do tratamento dado ao tema em obras da literatura infantojuvenil contemporânea, por ensejar o acolhimento de crianças em situação de refúgio. Na medida em que esses livros são adotados nas escolas, prepara-se o alunado para a recepção e compreensão da trajetória e das dificuldades enfrentadas pela criança refugiada.

Há que enfatizar uma diferença importante entre o refúgio e a migração. Os refugiados, ao contrário dos imigrantes, que se deslocam voluntariamente, não podem retornar ao seu país de origem, portanto, não podem contar com a proteção governamental; dependem exclusivamente de órgãos como a ACNUR, da ajuda humanitária de outras organizações e do direito à assistência oferecido por outros países que os acolhem.

Este estudo aborda uma obra escrita para crianças e jovens, *Kalil, o menino refugiado*, de Fernando Carraro, e visa a comprovar a importância da abordagem do tema na literatura infantojuvenil. Defendemos que a narrativa da trajetória do protagonista não apenas colabora para um maior acolhimento por parte das crianças brasileiras nas escolas, como permite que a criança em situação de refúgio se identifique com ela e cultive, assim, a esperança de dias melhores. Para tanto, além de identificar os traços distintivos da literatura de refúgio, ou seja, o esclarecimento sobre o motivo da fuga, as dificuldades encontradas no deslocamento e o processo de adaptação à nova terra, buscamos evidenciar os impactos da desterritorialização na formação identitária do protagonista.

### **Breves observações sobre o autor e a obra**

O autor de *Kalil: o menino refugiado* é filho de imigrantes italianos que fugiram para o Brasil para escapar da guerra. Nascido em Americana, no Estado de São Paulo, vive atualmente na capital. Formado em História, Geografia e Pedagogia, dedicou parte da sua vida ao magistério e é um autor profícuo de livros para crianças e jovens, dentre eles: *Um mundo melhor para todos*, *O caminho da paz*, *Amazônia – Quem ama respeita!* e *Vida, direito de todos!*

Ele dedica *Kalil: o menino refugiado* a Aylan Kurdi, o menino sírio encontrado morto nas areias da praia, cuja fotografia causou comoção mundial e se transformou em um símbolo para os refugiados. O livro é também dedicado a milhares de crianças que morreram na tentativa de encontrar refúgio ou que foram vítimas de violência. O autor também homenageia os voluntários que socorrem e dão assistências a essas pessoas que deixam tudo para trás em busca de um futuro melhor.

O site da ACNUR (2023) informa que

Milhões de sírios escaparam através das fronteiras, naquela que se tornou a maior crise de refugiados do mundo em décadas. 13 anos após o início dos conflitos na Síria, mais de 13,5 milhões de pessoas foram forçadas a deixar tudo para trás.

Desses, “mais de 6,6 milhões cruzaram fronteiras para escapar das bombas e balas que devastaram suas casas” (ACNUR, 2023). A história de Kalil mostra com sensibilidade a triste realidade dessas crianças que se veem repentinamente privadas de sua pátria e da segurança do seu lar. Entretanto, mostra também a esperança que elas mantêm viva dentro de si, a ajuda humanitária e a importância do acolhimento.

### **O mundo como era antes**

O primeiro capítulo, intitulado “Bons tempos”, mostra Kalil ainda em uma cidade ao sul de Aleppo, aos dez anos de idade e residindo com os pais, Mustafá e Yasmim, e os irmãos, Soraia e Rashid. A obra oferece imagens da cidade de Aleppo, na Síria, que colaboram para que o pequeno leitor tenha impressões visuais acerca do local.

Em meio à descrição das atividades da família, do pai, que é mecânico, e da mãe, que cuida da casa e faz salgados e doces por encomenda, Kalil se reporta àquilo que se tornou uma ameaça constante: “[...] minha história não é muito diferente da de outras crianças. Vamos à escola, fazemos nossos deveres, jogamos bola [...] nosso problema é que moramos em um país em guerra, situação que, por sorte, não vivemos aqui na vila” (Carraro, 2016, p. 4).

Aspectos importantes da infância de Kalil vão sendo revelados nos capítulos seguintes, dispostos em ordem cronológica. Assim, o leitor descobre que o protagonista tem muitos amigos, mas, dentre eles, um preferido, o Samir. A maior diversão dos meninos é jogar bola e, por isso, ele conhece os nomes dos clubes de muitos países, inclusive do Brasil. Ele e Samir sonham em jogar no Brasil um dia, porém, não têm condições para o deslocamento. Ainda que tivessem, ainda haveria a barreira linguística e as diferenças culturais. Ao fim do segundo capítulo, ele afirma, inclusive, “o apego que tenho ao país em que nasci é muito grande” (Carraro, 2016, p. 6).

Em sua definição de lugar antropológico, Marc Augé (1994) afirma que ele é identitário, relacional e histórico. A identidade se forma, portanto, a partir desses referenciais, não é uma construção individual, mas resulta do entrecruzamento da experiência pessoal, da socialização e do diálogo com a memória coletiva étnica, ou seja, com as tradições, a cultura e as memórias do grupo sobre os eventos históricos que o afetou.

Desde essa tenra idade, Kalil acalentava um sonho: “tenho pouca idade, mas tenho sonhos grandes: eu sonho poder viajar pelo mundo, viajar de avião e atravessar os oceanos de navio, conhecer novos lugares, novas pessoas, culturas, línguas e religiões” (Carraro, 2016, p. 7). Assim, o protagonista revela seu espírito inquieto, desejoso de novas experiências, infelizmente limitado pelas dificuldades financeiras da família e pelo apego à terra.

A vida começa a mudar quando ele percebe que os adultos andavam conversando baixinho e que as crianças passaram a ser mantidas dentro de casa. Aos poucos, as mudanças se tornam mais evidentes: “Ficávamos tristes quando víamos alguma família fechar sua casa e partir levando apenas mochilas nas costas, alguma pequena mala e nada mais. Nós percebíamos algo estranho, mas os adultos não gostavam de falar sobre isso” (Carraro, 2016, p. 8). As súbitas ausências de alguns colegas na escola só confirmavam as suspeitas das crianças: o motivo era a guerra.

Para a tristeza de Kalil, o seu melhor amigo, Samir, vem comunicar a partida de sua família para o Brasil, onde o tio de sua mãe vive. O diálogo ente os dois reflete não apenas a amizade, mas também as inquietudes acerca do futuro:

- [...] Não é porque a gente vai se separar que iremos deixar de ser amigos.  
 — Claro que não. Como vão se virar no Brasil, um país com língua, costumes, cultura e religião diferentes? Já pensou nisso?  
 — Claro que sim, mas vamos ter que enfrentar, como todo mundo que passa por essa situação. Pode até não dar certo.  
 — E sua casa?  
 — Conseguimos uma família que concordou em morar nela pra que não seja saqueada ou invadida. Só não sei até quando.  
 — É a guerra, não é?  
 — É, mas converse com seus pais.  
 — Não precisa. Eu sabia. É a guerra, droga! ...Por que inventaram isso? Só para fazer as pessoas sofrerem? (Carraro, 2016, p. 10).

Ao conversar sobre isso com o pai, Kalil recebe a informação que tanto temia: dentro de três dias serão eles a partir. O comando dos rebeldes está convocando todos os homens para a luta e seu pai e Rashid poderão ser forçados a integrar o exército e se tornarem mais duas vítimas da guerra. A partida é uma questão de sobrevivência. Angustiado, Kalil pergunta se ainda voltarão. As lágrimas nos olhos do pai são reveladoras.

A família não tem destino certo. Segundo o pai, deverão ir para a Áustria ou Alemanha, mas, antes, terão de passar um tempo em um campo de refugiados, onde as pessoas vivem em tendas, mas nem sempre se consegue uma. Em sua inocência, Soraia pergunta ao pai por que essas pessoas vão para lá, já que não é um lugar agradável. Em resposta, ouve que eles estão lá “por causa da guerra, de perseguições políticas e religiosas, por pertencerem a etnias contrárias à dos rebeldes” e que, ao partir, “vamos fechar a porta, deixar tudo e torcer para que, quando voltarmos, encontremos o que tivermos deixado” (Carraro, 2016, p. 14). O pai tenta transmitir aos filhos a esperança do retorno, que, no fundo, nem mesmo ele tem.

Não escapa ao protagonista a nuvem de dúvida que paira no rosto do pai:

Acho que meu pai falava assim apenas para nos animar. Ele parecia estar cheio de dúvidas, triste e preocupado, porque sabia que dificilmente poderia voltar à casa que havia construído com tanto sacrifício e àquele lugar onde nos vira nascer e crescer, onde vivera anos felizes rodeado da família e de amigos, onde fizera a vida...Ele precisava de muita fé para transmitir à família a esperança da volta [...] (Carraro, 2016, p. 15).

## A fuga

Como geralmente ocorre em períodos de guerra, o primeiro obstáculo encontrado pela família foi o fechamento de algumas passagens, o que os levou a dirigir-se a um campo diferente do que desejavam. As agruras do trajeto logo se fazem sentir, como mostra o capítulo intitulado “A marcha”:

Foram quatro longos e cansativos dias de caminhada [...] quando não encontrávamos nenhuma casa ou algum comércio onde pudéssemos matar a sede e fazer nossas necessidades, era no mato mesmo que nos aliviávamos. A comida logo acabou e, quando não podíamos contar com a caridade alheia, sentíamos nas entranhas o que era a fome. Banho, nem pensar (Carraro, 2016, p. 20).

Por meio de passagens como esta, o autor busca conscientizar o jovem leitor das dificuldades enfrentadas pelos refugiados, fazendo-o refletir sobre como as mínimas coisas do dia a dia se revestem de importância quando as perdemos, como mostra a passagem a seguir: “Nessas horas, eu sentia saudade da minha caminha e de tantas outras coisas pras quais eu nunca dera tanto valor” (Carraro, 2026, p. 22). Rashid, seu irmão mais velho, chegara ao ponto de dizer que teria preferido juntar-se aos rebeldes a sofrer tanto assim e foi duramente repreendido por sua mãe.

Kalil sabe que muitas pessoas morrem nessa tentativa de fuga e passa pelo infortúnio de assistir à morte de um casal de idosos antes de, ao final do quarto dia, chegarem ao campo de refugiados.

## A vida em trânsito

O grupo foi recebido por membros de um comitê de voluntários que informaram a impossibilidade de conseguir uma tenda para eles naquele momento, mas foram acolhidos por outros refugiados com quem partilharam o abrigo na primeira noite.

A vida no campo de refugiados provou ser difícil. Além do convívio diário com pessoas estranhas, havia as imensas filas para tudo: comer, tomar banho e ir ao banheiro. As tempestades de areia, o extremo calor alternado com o frio intenso eram também um desafio diário.

Em sua narração, Kalil relata a existência de um Centro de Atendimento Psicológico no campo que dá acompanhamento aos recém-chegados e aos que já estavam lá há algum tempo. Assim, a obra busca mostrar que, na medida do possível, há um esforço humanitário para promover o equilíbrio emocional dos refugiados e prepará-los para a integração aos países de acolhimento. Entretanto, ele fica sabendo que nem sempre essas pessoas são recebidas nos países para os quais pretendem ir. Assim Abdullah, um dos voluntários que atuam no campo informa:

Volta e meia surgem barreiras, obstáculos e exigências que nem todos conseguem atender. É muito triste você estar com sua família e não ser aceito, como se ser refugiado representasse uma ameaça... Mas infelizmente acontece. Dependendo do campo em que estão, de tanto em tanto, ônibus levam os refugiados para o país em que desejam se instalar. Se vão conseguir ou não, é outra questão; sendo que, às vezes, não são aceitos nos países que haviam escolhido (Carraro, 2016, p. 27).

A obra se reporta assim ao maior dilema do refugiado: a aceitação no país de destino. Além da comprovação da situação de refúgio, que deve estar de acordo com o *Manual de procedimentos e critérios para a determinação da condição de refugiado*, da ACNUR (2011), há as restrições impostas pelos países europeus.

À época em que o livro foi publicado, em 2016, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou por unanimidade a Declaração de Nova Iorque sobre os Refugiados e os Migrantes, um marco político importante cujo objetivo foi melhorar a forma como a comunidade internacional responde aos grandes fluxos de refugiados e migrantes, bem como a situações prolongadas de chegada de refugiados.

A história de Kalil se passa no auge dos fluxos maciços de refugiados e, embora a família tenha logo conseguido uma tenda, aquele era “um novo lar, sem cama, sem mesa para se fazer as lições, sem isso, sem aquilo, sem nada, mas com muita fé e esperança de que dias melhores viriam” (Carraro, 2016, p. 29).

As crianças passam a frequentar a escola do campo, liderada pelo professor Bashir. Algumas questões que os afligem são abordadas durante as aulas: a razão da guerra, o desinteresse dos líderes do conflito pela situação dos cidadãos e em particular das crianças etc. Simultaneamente, Bashir tenta incutir na mente das crianças que devem se concentrar nas coisas

positivas, em seus talentos, e buscar na experiência da vida no campo a força para construir o futuro.

Para Kalil, as palavras do professor encontram eco quando, subitamente, Samir entra em contato por meio de uma chamada telefônica. O amigo, que tenta realizar o sonho de ser um jogador de futebol no Brasil, promete a Kalil que, assim que se estabilizarem, farão tudo para que Kalil, e talvez até mesmo a sua família, possa reunir-se a eles.

É nessa conversa que as preocupações do protagonista com a vida em outro país são novamente enunciadas.

[...] e como você se virou com a língua, os costumes, a comida, a escola?  
 - Cara, o maior problema foi a língua, que ainda não domino bem. O tio Youssef, a tia Thamires e meus primos Zayn e Safira nos ajudaram muito. Sem eles, teria sido muito difícil. Na escola, tive bastante apoio dos professores e colegas. Quanto à comida e aos costumes, foi mais fácil (CARRARO, 2016, p. 33).

A citação mostra a importância do acolhimento no processo de reintegração social do refugiado. Se é fato que nem todos têm parentes nos países para onde se dirigem, é importante que esses países tenham uma estratégia para a recepção dessas pessoas cuja trajetória é marcada pela perda e pelo sofrimento.

A conversa com Samir faz com que Kalil reflita sobre o seu sonho e o preço a ser pago para a sua realização: “eu não sabia se teria coragem de me separar dos meus pais e dos meus irmãos, pois sempre fui muito apegado à minha família e eles são tudo para mim [...] se eles permitissem eu teria coragem de deixá-los para trás?” (Carraro, 2016, p. 34). O dilema de Kalil é legítimo, pois muitas crianças foram obrigadas a fazer essa escolha, e muitas outras foram entregues por seus pais às entidades de ajuda humanitária para que tivessem a chance de sobreviver.

A família é surpreendida pela notícia de que o pai havia conseguido negociar um transporte, em um bote inflável, da Turquia para a Grécia, a porta de entrada para a Europa. Iriam de caminhão até o ponto onde, com outros refugiados, totalizando cerca de 30 pessoas, embarcariam rumo ao futuro. Divididos entre o medo e a euforia, aguardam o chamado que pode vir a qualquer momento.

A travessia os assusta, pois todos sabem que muitos refugiados morrem no trajeto “devido a excesso de passageiros, fragilidade das embarcações, mar agitado, problema com o

motor, abandono dos botes durante a travessia por aqueles que os comandavam”. Todos parecem assombrados pela imagem de Aylan Kurdi, encontrado morto numa praia na margem do mar Egeu, na Turquia, e amplamente divulgada pela mídia, que causou um impacto sem precedentes, ao ponto de várias obras terem sido escritas em homenagem ao menino após esse triste episódio, dentre elas, *A memória do mar*, de Khaled Hosseini (2018). Apesar de tudo, a família decide assumir o risco.

Assim como em *A memória do mar*, as personagens de *Kalil, o menino refugiado*, oram para que a travessia possa ser feita em segurança. No capítulo intitulado “A travessia”, como em outras partes do livro, que é fartamente ilustrado por Leonardo Malavazzi, a imagem tem um efeito importante. As figuras dos membros da família de Kalil são sobrepostas a uma imagem de pessoas reais dentro de um bote inflável. Há dois aspectos a considerar nesta imagem: primeiramente, o fato de que Kalil e seus familiares são destacados como figuras desenhadas, o que nos remete à natureza ficcional do relato, e, em segundo lugar, o fato de que a fotografia real, à qual as figuras de Malavazzi estão sobrepostas, aponta para a verossimilhança da história narrada.



**Fig 1** Ilustração de Leonardo Malavazzi. Fonte: Carraro (2016, p. 37).

Alguns incidentes relatados no livro, como a falha do motor e a persistência de um vento forte que lança alguns dos tripulantes ao mar, são contornados pela habilidade do pai de Kalil

como mecânico e pela coragem dos que enfrentam as ondas para ajudar os demais. A dureza da travessia é amenizada na história, se considerarmos os relatos reais de refugiados que sobreviveram a naufrágios.

A chegada à ilha de Kos é comemorada por todos e, felizmente, são bem acolhidos por voluntários que imediatamente puseram-se ao mar para socorrer os refugiados. Os dias que se seguem são de caminhadas silenciosas em um grupo que parece aumentar a cada ponto. As dificuldades encontradas, além das esperadas, relacionadas à manutenção da vida, são assim descritas:

Volta e meia, surgia alguma surpresa para agravar a situação dos caminhantes [...] a entrada barrada, um muro ou cerca erguida às pressas, a presença de policiais, a exigência de documentos [...] nessas horas presenciávamos cenas deprimentes: pessoas pulando cercas, abrindo nelas buracos e se rastejando como serpentes, enfrentando policiais, tomando cacetadas, sendo pisoteadas [...] pais atirando suas crianças por cima das cercas num desespero total [...] que culpa temos nós se fugimos da guerra e da morte? (Carraro, 2016, p. 51-52).

Depois de muitos dias padecendo fome, sede, calor, frio, cansaço, cheios de bolhas nos pés, sem ter acesso a locais onde fazerem suas necessidades biológicas, a família é finalmente acolhida por voluntários na Alemanha. Algumas semanas depois, retomando o contato telefônico com Samir, este convida Kalil a reunir-se a ele no Brasil, onde a jornada do protagonista como imigrante se inicia.

## O mundo de agora

Em seus estudos sobre a aculturação de imigrantes, John Berry (2004) afirma que o processo de adaptação ideal é integrativo, ou seja, quando há uma negociação entre culturas. É óbvio que ela nunca ocorre de modo simétrico, havendo sempre uma predominância de um dos referenciais culturais. No caso de Kalil, o fato de ter sido acolhido por uma família síria amenizou o choque cultural que normalmente ocorre quando o refugiado chega a um outro país e, provavelmente, manteve viva a memória étnica.

A chegada de Kalil ao Brasil é permeada pela esperança de realização de um sonho: o de se tornar um jogador de futebol. A visita, que era para ser breve, acaba por se estender por

vários anos. Durante esse tempo, o menino percebe terá de competir com outros que são igualmente bons no esporte, senão melhores do que ele. Essa consciência arrefece o seu ímpeto inicial, mas, por outro lado, favorece a percepção de que, paralelamente, precisará estudar e ter uma formação profissional. Os conselhos do pai de Samir colaboraram muito para esse entendimento. Assim, Kalil se dedica aos estudos e acaba por decidir que, após concluir o Ensino Médio, pretende retornar à Alemanha para ficar com sua família e cursar a universidade.

A oportunidade de jogar futebol surge inesperadamente, quando um olheiro que tinha pedido dinheiro para encaminhar os meninos na carreira assim que Kalil chegara ao Brasil – proposta que o pai de Samir havia negado prontamente – convida os dois meninos para participar de um jogo amistoso beneficente entre Brasil e Síria, como parte das comemorações do Dia Mundial dos Refugiados. Eles jogariam nos últimos dez minutos pela equipe da Síria.

Sete anos se passaram, um longo período em que o protagonista experimentou a saudade dos familiares, que só veio a ser mitigada por meio de uma breve visita de 15 dias, justamente na época do jogo, em que Kalil fez o gol de empate. Mas nem mesmo a alegria de estar em campo, de ouvir os gritos de euforia devido ao seu desempenho foram suficientes para impedir o protagonista de realizar seus planos de retornar à Alemanha, país que se tornara para a família uma segunda pátria. Ele havia aprendido que as dificuldades são obstáculos a serem vencidos e que há de ter coragem para seguir em frente.

No epílogo, o autor nos oferta a seguinte passagem, pela ótica de Kalil:

Sonho com o dia em que todas as pessoas que habitam este planeta, nossa casa maior, casa de todos, aprendam a viver em harmonia e descubram que a paz, o amor, a família unida e a vida é que são os valores mais importantes do mundo (Carraro, 2016, p. 58).

## **Considerações finais**

*Kalil, o menino refugiado* é uma obra cujo objetivo é a sensibilização do seu público leitor para a causa dos refugiados. Sabemos que eles enfrentam inúmeras dificuldades ao chegarem a um outro país, que vão desde o risco de deportação à obtenção do RNE (registro Nacional de Estrangeiros) e os problemas típicos de adaptação, como o idioma, a diferença

cultural, a moradia, além do estigma de pessoas perigosas ou não confiáveis que, infelizmente, é associado à situação de refúgio.

O livro de Fernando Carraro, além de alinhar-se a uma vertente literária contemporânea, a literatura de refúgio, tem a capacidade de atrair crianças e jovens para uma temática que encontra exemplos na vida real e que carece de uma reflexão por parte desse segmento do público leitor brasileiro.

São muitos os casos de *bullying* nas escolas relacionados a crianças de outras nacionalidade e etnias. O Brasil é um dos países de acolhimento e, portanto, as crianças em situação de refúgio têm os mesmos direitos das crianças brasileiras. Infelizmente, as políticas públicas existentes (permissão de cruzamento de fronteira, emissão de documentação, garantia de acesso à educação e proteção no âmbito escolar, conforme sinalizam Cabral e Cabral (2024, p. 18-19), conquanto tenham inegável valor, ainda estão longe de promover efetivamente o acolhimento e a inserção plena do refugiado no tecido social. Como não há previsão de inclusão dessa temática nos currículos escolares, cabe aos professores selecionar obras que não apenas abordem o assunto, mas também ensejem a oportunidade de discutir como os estereótipos se formam e se transformam em preconceito e exclusão.

## Referências

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. Manual de procedimentos e critérios para a determinação da condição de refugiado. *ACNUR Brasil*, Brasília, DF, 2011. Não paginado. Disponível em: [https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Manual\\_de\\_procedimentos\\_e\\_crit%C3%A9rios\\_para\\_a\\_determina%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_condi%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_refugiado.pdf](https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Manual_de_procedimentos_e_crit%C3%A9rios_para_a_determina%C3%A7%C3%A3o_da_condi%C3%A7%C3%A3o_de_refugiado.pdf). Acesso em: 30 abr. 2024.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. *Protegendo refugiados no Brasil e no mundo*. Brasília, DF: ACNUR/UNHCR, 2020. Não paginado.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. Síria. *ACNUR Brasil*, Brasília, DF, 2023. Não paginado. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/siria/>. Acesso em: 22 maio 2024.

AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 1994.

BERRY, J. W. Migração, Aculturação e Adaptação. In: DEBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. de. *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 29-45.

CABRAL, G. da S.; CABRAL, J. Literatura como acolhimento: a criança em situação de refúgio e a literatura infanto-juvenil. *Anamorphosis: Revista Internacional de Direito e Literatura*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. e992, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21119/anamps.10.1.e992>. Acesso em: 31 maio 2024.

CARRARO, F. *Kalil: o menino refugiado*. Barueri: Editorial 25, 2016.

GAIMAN, N. Neil Gaiman's poem on a scarf: warm words for refugees. *World Economic Forum*, [s. l.], 2019. Não paginado. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2019/12/neil-gaiman-solidarity-scarf-refugee-poem-warmth/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

SAID, E. *Reflexões sobre exílio e outros ensaios*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

### **The representation of refuge in the literature for children and young adults: a reading of *Kalil: o menino refugiado***

**Abstract:** The theme of refuge can be considered divisive, as it deals with complex issues that, for many, are inappropriate for children and young adults. However, the refugee situation can be presented to these readers in a sensitive way, which not only provokes reflection, but also, and most importantly, develops empathy and solidarity towards refugees. From this perspective, we propose the analysis of the book *Kalil: the refugee boy*, to demonstrate that the literature for children and young adults constitutes an important tool for the process of welcoming and inserting refugee children in the school environment while promoting interculturality.

**Keywords:** Literature for children and young adults; Refuge; Desterritorialization; Reception.

**Recebido em:** 1º de junho de 2024.

**Aceito em:** 22 de julho de 2024.